

Como era gostoso o meu francês, ou o estar-junto com uma brasileira

“Ao professor Juremir Machado da Silva, cuja proximidade com os teóricos franceses tem permitido aos gaúchos, todos os anos, um Ano da França no Brasil”.

Este texto remonta o ano de 2006 quando o sociólogo francês Michel Maffesoli proporcionou numa universidade brasileira um estar-junto, pela sociologia compreensiva, onde refuta as históricas separações como as que diferenciam a moderna França e o pós-moderno Brasil. Deste modo, objetivamos trazer o debate instaurado naquele seminário e incorporá-lo ao imaginário ético e estético dos comunicadores visuais, sobretudo dos designers.

Palavras-chave: imaginário; sociologia compreensiva; moderno e pós-moderno; ética da estética; design

This text dates from the year 2006 when the French sociologist Michel Maffesoli provided in a Brazilian University, through the comprehensive sociology the possibility of a being-together where the historical separations are refuted such as the ones between the modern France and the postmodern Brazil. Thus, the aim of the present study is to bring that seminar' debate and incorporate it within the ethical and aesthetic imaginary of visual communicators, especially the designers.

Key-words: imaginary; comprehensive sociology; modern and postmodern; ethics of aesthetics; design

O Seminário Sociologia Compreensiva, Razão Sensível e Conhecimento Comum, realizado de 8 a 11 de maio de 2006, foi organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Cheguei atrasada no primeiro dia, *quelle honte!* Aparentemente não foi minha culpa, o ônibus procedente de Pelotas atrasou 15 minutos, e não fiquei sabendo se o motivo era a ponte aberta ou o manifesto dos pequenos agricultores e dos arroteiros.

Se eu fosse uma europeia, talvez tivesse pegado o ônibus anterior, pois contar com a imprevisibilidade não é muito típico por aqui. Por sorte cheguei carregada de malas, para passar a semana em Porto Alegre, e assim o professor constataria que a coisa era séria. Ele não deu a mínima para o atraso, e depois de mim, vários alunos foram chegando, no ritmo abrasileirado, com cafezinho numa das mãos e pastinha na outra.

Mal sentei e enviei uma mensagem para um colega da minha universidade, elogiando a elegância do professor. Resposta imediata: - Glória! Maffesoli é a resistência do chique na Academia! Foram manhãs e tardes muito especiais. Apesar de ler seus textos há bastante tempo não o conhecia pessoalmente e, enquanto observava a seda de seus diferentes foulards, a alternância de seus ternos bem cortados e de suas gravatas-borboleta e a manutenção de um lindo anel de formatura na mão esquerda; ouvia atentamente seu francês, em forma e conteúdo. Sempre simpatizei com os franceses, por todas as razões culturais óbvias, mas muito porque, em minha estada por lá, fui muito bem quista por ser o que sou e, sobretudo, por ser brasileira.

Fiquei pensando que é justamente por causa de nossos contrastes que nos aproximamos, Brasil e França. Porque sempre me pareceu existir uma separação entre nossos povos, nossos caracteres, nossa essência! Estava indo tudo muito bem, até Maffesoli propor a tal Sociologia Compreensiva como forma de juntar o que havia sido separado, comprehendere, tomar junto o que havia sido separado. Este foi um momento importante de sua

fala, pois a tendência de separarmos as coisas é tamanha, que o próprio professor dicotomizou o tempo todo, organizando gráficos no quadro onde as características da modernidade estavam bem separadas das da pós-modernidade.

Sua recorrente ênfase ao retorno aos valores dionisíacos, à ideia de tribo e ao nomadismo que estamos vivendo me fez lembrar do filme de Nelson Pereira dos Santos, cineasta brasileiro que dirigiu em 1971 o filme “Como era gostoso o meu francês”, muito afinado com o modernismo brasileiro e cujo título tomei emprestado para nomear este breve comentário, despretensioso inventário de minhas dúvidas.

O filme, que se passa no século XV, narra a história de um francês capturado pelos índios Tupinambá e colocado em cativeiro a fim de ser canibalizado conforme os costumes desta tribo. Estes encontros entre colonizador e colonizado (entendendo Europa e América), sempre me lembram aquela expressão: *plus ça change plus c'est la même chose*, que significa algo como “Quanto mais as coisas mudam, mais elas ficam iguais”. O mundo mudou, e eles continuam nos ensinando o caminho para a felicidade: quinhentos anos de complacente servidão. No filme em questão e também com Maffesoli, este encontro parece ser diferente!

O radicalismo do pensamento de Maffesoli me atraiu muito lentamente. No início de sua exposição fui apenas lembrando do filme... Nele,

os índios tupinambás não serão colonizados. É o francês quem passa por um processo de tupinização, aprendendo a viver de acordo com os costumes da tribo, participando de diversas atividades como o trabalho na agricultura, aprendendo a usar arco e flecha, chegando mesmo a perseguir, junto com um índio tupinambá, um português que passava nas proximidades da aldeia, atingindo-o com sua flecha. LOBATO, *Como era gostoso o meu francês: um marco na representação do índio no longa-metragem de ficção.*

Em diversos momentos durante o seminário o professor se tupinizava, falava em caipirinha, em umbanda, em “sacanagem” (palavra que o encantou!), dizia que o Brasil era um laboratório do pós-moderno, contava que um amigo escreveu um livro chamado “A abasileiração do Mundo” ou algo parecido e eu pensava: Maffesoli não mora aqui!

Nosso francês afirma que a pós-modernidade é a dimensão orgânica da modernidade. Acho uma afirmação perfeita, justamente por não dicotomizar nem rejeitar, mas sim por incluir a modernidade, compreendendo-a. É bem sabido o quanto a modernidade engessou o pensamento ocidental nos últimos séculos e a proposição maffesoliana de *ingrés* ao contrário de *progrés* é bastante esclarecedora. Suponho que possamos fazer uma relação ainda dicotômica entre um Brasil orgânico e uma França moderna. Mas para isso é importante recuarmos alguns séculos.

Maffesoli nos remonta às antigas civilizações pré-individuais, onde a invenção dos sujeitos filosófico, religioso, político e jurídico ainda não havia sido instituída. Civilizações pagãs que se voltavam mais ao ventre, à terra, ao hedonismo da existência (dionisíacas), à maneira de estar junto (tribos) e ao retorno do selvagem (nomadismo). Conforme Maffesoli, a palavra pagã vem do latim *paganus*, *paysan*, *camponês*. Seria aquele que ama esta terra, amor mundi diria Nietzsche, por esta terra e não por uma longínqua. Sua reflexão supõe darmos um passo atrás historicamente, a fim de ‘comprendermos’ sociedades pré-individuais e podermos perceber, sentir, esta sociedade nascente, que tem se dado de modo muito similar àquelas antigas.

O palestrante cita três características essenciais que marcaram nossa história após estas civilizações ditas pagãs: o monoteísmo, a devastação do planeta e o conceito de separação. A opção pelo monoteísmo destruiu a biodiversidade, reduzindo a polissemia do real a uma unidade o que acabou por gerar o pensamento de que a verdadeira vida estaria em outro lugar. Esse modo de ser ocasionou a devastação da natureza, já

que a vida que se leva não teria importância face à “Cidade de Deus que está por vir”. E, enfim, podemos então compreender a palavra que explica a epistêmé moderna: a separação. Na medida em que Deus separou a luz das trevas, tudo passa a ser uma declinação deste conceito de separação.

A partir de então se inventou o sujeito, este indivíduo racional, que habita sociedades dominadas pela razão, num regime diurno do imaginário. Essa expressão, segundo Maffesoli, foi utilizada por Durand para designar a dimensão epistêmica ocidental representada pelas figuras do falo, da espada, de todos os objetos contundentes, que buscam, que invadem e que cortam. Durand contrapõe com o regime noturno do imaginário, representado pela figura de uma copa, enfatizando mais o continente do que o conteúdo, não o falo, mas a invaginação dos sentidos.

Primeiramente, a revolução cartesiana e seu cogito faz surgir o ser filosófico, logo se inventou o sujeito religioso a partir das traduções da bíblia para as línguas profanas, o que possibilitou sua relação direta com Deus. Em seguida se inventou o sujeito político, pós revolução francesa, um sujeito que adquire autonomia pela educação e, finalmente, aparece o sujeito jurídico cujo modelo é o código napoleônico e daí se partiu pra a construção do indivíduo uno e das instituições unas.

Neste sentido, Maffesoli conclui que este indivíduo acabou. É o fim de um mundo e não do mundo. Sendo assim, o projeto moderno francês, por exemplo, está saturado e nosso sociólogo aposta numa relação societal mais próxima à organicidade presente na sociedade brasileira, tão assemelhada com aquela essência pagã.

E então questiono: como retornar ao pré-individual para chegar a uma ética da estética, conceito que veremos logo a seguir, numa sociedade em que as noções mais primárias de indivíduo não chegam a ser respeitadas? Levantei o problema para o professor, perguntando: - “Eu lhe apresento uma questão relacionada à educação.

Você disse que a Europa é o laboratório do moderno e o Brasil é o laboratório do pós-moderno. Eu lhe pergunto se estas observações que você fez acerca do emocional, da festa, do afetivo não são um perigo em um país como o Brasil onde o projeto moderno foi tão frágil. Palavras como politeísmo, polifonia, policulturalismo, polissemia, fragmentação, estar-junto e prazer são muito familiares a nós, ao contrário de palavras como racionalismo, rigor etc. Retornar ao pré-individual, como? A invenção do indivíduo não se passou aqui como na Europa.

Nós, professores nas universidades brasileiras, o que devemos fazer para não desistir da intelectualidade em um país que sempre justifica sua falta de rigor pelo relativismo? Tudo isto não seria uma permissão para continuarmos sendo um país que não se leva à sério”?

Maffesoli riu um pouco e foi contundente: - “Não aceitem a estigmatização. O Brasil se considera sempre um país de terceiro mundo. Os critérios do primeiro mundo foram dados pela Europa, em um modelo progressista. Será que estas coisas pouco sérias não seriam os critérios que deveriam ser considerados hoje? A nova geração francesa é fascinada pelos valores que vamos encontrar no Brasil. O modelo progressista, ou o progressismo, que é um modelo moderno, é linear, trabalha com o poder e pensa em educação, em como integrar socialmente os jovens. É um modelo paranóico porque integra o jovem pela redução.

Para mim este modelo é perverso e não está mais em harmonia com o tempo atual. Prefiro pensar em iniciação progressiva (e não educação), que não é linear, não explica, mas implica. Trabalha com a potência, é metanóica. Acompanha. Pensar a educação como um jardineiro. A autoridade (aquilo que faz crescer) só vai acompanhar o crescimento da planta, que está nela mesma. A minha resposta é: acompanhar o movimento. São as expressões de minhas ideias”.

Isto posto, admiti que a resposta foi admirável, e que é muito radical pensar assim...pensar apenas

não, mas ser assim. Então, começando pela alteração do pensamento, fui tentar aprofundar a noção de ética da estética que Maffesoli lançou no último dia, de modo fugaz. Naqueles dias, o professor afirmou que pela racionalização da existência, a imagem passou a ser estigmatizada como não séria e então frivolidada.

A imagem passa a ser considerada como uma bagagem que deve ser deixada à beira da estrada, e compara esta bagagem ao imaginário. Apresenta logo a seguir a possibilidade de inversão disso, pois vivemos agora um hedonismo latente, um corporeísmo (a epifanização do corpo por si mesmo) e uma estetização da existência (a vibração em comum).

Finaliza o seminário apresentando o verbo compartilhar como substituto de separar, e profetizando que esta ação deverá conceber um ser holístico, inteiro. A imagem seria a cristalização deste inteiro. Para saber mais, li o capítulo “A Ética da Estética”, em livro recém lançado, onde o professor nos mostra que devemos compreender a estética no seu sentido mais simples:

Vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente, tudo o que permite a cada um, movido pelo ideal comunitário, de sentir-se aqui e em casa neste mundo. Assim, o laço social é cada vez mais dominado pelos afetos, constituído por um estranho e vigoroso sentimento de pertença. MAFFESOLI, *O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*, p.8.

Para Maffesoli a vida moral, aquilo que nos permite o estar - juntos, se exprime como uma moral *stricto sensu* numa lógica do dever-ser, mas também se exprime como uma ética cuja lógica valoriza a comunicação e a emoção coletiva. O autor afirma, então, que o pós-moderno “é simplesmente uma maneira de realçar a ligação entre a ética e a estética”(2005.p.12). E esta ética da estética seria “um *ethos* constituído a partir de emoções partilhadas e vividas em comum”(2005.p.8).

Mas continuar esse tema é assunto para outro momento. Por ora quero concluir este comentário devolvendo a Maffesoli o agrado que me deu. Não pretendo comer nosso gostoso francês num ritual canibal, mas convidá-lo a continuar este estar-junto numa dançante vibração além-mares. Como professora de design, já começo a projetar uma nova França e um novo Brasil sem megaprogredos, apenas vivendo estas microéticas e aquilo que venho apostando para estudar na minha tese, e que não deu tempo de lhe perguntar: a noção de que o eu só existe pelo outro. Eu pressinto que é essa interlocução que possibilita a construção do estilo do designer e de outros comunicadores visuais que sempre, desde suas origens, desejaram um cotidiano estético.

No próximo seminário, serei precavida, contarei com a imprevisibilidade e pegarei um ônibus mais cedo. Sem rejeitar meus pensamentos ainda modernos quero acompanhar melhor a dança da pós-modernidade. Para Maffesoli a vida moral, aquilo que nos permite o estar - juntos, se exprime como uma moral *stricto sensu* numa lógica do dever-ser, mas também se exprime como uma ética cuja lógica valoriza a comunicação e a emoção coletiva. O autor afirma, então, que o pós-moderno “é simplesmente uma maneira de realçar a ligação entre a ética e a estética”(2005.p.12). E esta ética da estética seria “um *ethos* constituído a partir de emoções partilhadas e vividas em comum”(2005.p.8).

BIBLIOGRAFIA

LOBATO, Ana Lúcia. *Como era gostoso o meu francês: um marco na representação do índio no longa-metragem de ficção*. Artigo s/d.

Disponível em "http://www.imaginario.com.br/artigo/a0061_a0061_a0090/a0087-02.shtml"
www.imaginario.com.br/artigo/a0061_a0061_a0090/a0087-02.shtml

Acesso em 8/6/06.

MAFFESOLI, Michel. *O Conhecimento Comum: Compêndio de Sociologia Compreensiva*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, 295 p.

_____. *O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005, 104 p.

_____. *Seminário Sociologia Compreensiva, Razão Sensível e Conhecimento Comum*. (Notas de aula). Porto Alegre: PUC, 2006.